

PLANTAÇÃO DEFINITIVA

A plantação definitiva do eucalipto deve fazer-se quando as mudas tenham 25 a 30 centímetros de altura, que é atingida 3 a 4 meses após a sementeação. Quando menores, se o tempo não corre extremamente favorável, perdem-se muitas plantas, por pouco resistentes ainda; quando maiores, há sempre atrofiamento da planta, atrofiamento de que se ressentirá por muito tempo, talvez por tôda a vida, porque as raízes não podem ter a expansão necessária, por grande que seja o recipiente que as contenha.

O enovelamento das raízes pode ser causa de um mau desenvolvimento futuro do eucalipto e é quase sempre o responsável pela pequena resistência que aos ventos oferecem muitos exemplares. As raízes de mudas muito grandes estão já lenhificadas, enrodilhadas e, mesmo em terreno fôfo e bem preparado, nunca se desenvolvem satisfatòriamente.

Êstes inconvenientes podem, entretanto, ser eliminados desde que se adotem cuidados especiais, utilizando recipientes adequados para as repicagens das mudas.

A não ser em casos especiais, como a plantação em terrenos alagadiços ou em replantas, o tamanho da muda deve ser o acima indicado, isto é, de 25 a 30 centímetros. Para os casos de exceção, pode aconselhar-se a plantação com mudas maiores, já porque nos terrenos úmidos elas não sofrerão com uma sêca que advenha em seguida ao plantio, já porque nas replantas, feitas sempre um pouco mais tarde, tendo que se dispor de menor número de mudas, estas poderão ser acondicionadas em recipientes maiores. Entretanto, é princípio assente em silvicultura não plantar mudas com grande desenvolvimento; e, no caso especial da cultura do eucalipto em larga escala, tal sistema não daria resultado econômico, além dos inconvenientes já apontados. Além disso, é uma ilusão, infelizmente, ainda comum, pensar-se que dão melhor resultado as plantações com mudas muito desenvolvidas, supondo-se que assim se reveste mais depressa o terreno. Tais plantas nunca se desenvolverão satisfatòriamente e ficam muito



Fig. 131 — HÓRTO DE ALMORÉS
Vista aérea de extensa plantação de eucaliptos

tempo estacionárias, *amoitadas*, como diz o povo. Experiências feitas neste sentido, em Jundiaí, com 200 eucaliptos de 2 metros de altura e outros tantos de 30 centímetros mostraram, passados dois anos apenas, muito maior desenvolvimento destes últimos, quer em altura, quer em diâmetro.

Em São Paulo, a melhor época para a plantação definitiva é a estação das chuvas, de fins de setembro a março, exceção feita para os terrenos alagadiços ou de brejos. No Serviço Florestal da Companhia Paulista adotamos o sistema de plantar desde o princípio das águas até fins de março, efetuando as replantas dentro deste mesmo período, evitando as replantas tardias, pois se efetuadas na seguinte estação chuvosa, serão, na sua maioria, dominadas.

Plantados em outra época, mesmo que resistam e vinguem, os eucaliptos ficarão enfezados, perdendo a sua natural precocidade. Além disto, as mudas plantadas tardiamente não estão ainda bastante vigorosas e desenvolvidas quando sobrevêm os frios do nosso inverno, em que são possíveis ocorrências de geadas, e sofrem geralmente com estes fenômenos.

A plantação deve ser feita, de preferência, em dias chuvosos ou encobertos. A chuva auxilia muito o serviço, não só pela rega mas também por aconchegar melhor a terra às raízes. Em pequena escala, convirá sempre fazer a plantação à tarde, depois de passadas as horas de sol mais ardente, sempre que se não possa contar com dias de chuva e encobertos.

Há vários processos de conduzir os serviços de plantação. Na Califórnia, cada trabalhador, dispondo de uma caixa de mudas, é encarregado de uma linha de plantação, podendo cada homem plantar assim 500 árvores por dia. Um outro processo consiste em ter um operário encarregado de plantar as mudas e outro de aconchegar a terra às plantas.

No Serviço Florestal da Companhia Paulista, nos dias de plantio, os trabalhadores transportam, em caminhões ou carroças, do viveiro para os carregadores, as caixas contendo as mudas, embaladas em vasos «Torrão Paulista».

Dêste local, outro operário põe-nas à cabeça e caminhando no sentido do alinhamento vai colocando uma muda em cada cova, enquanto um segundo encarrega-se, então, do plantio e de chegar terra à muda.

Há, também, o processo de retirar as mudas das caixas de transporte, colocando-as em tabuleiros munidos de alça, que o trabalhador sobraça, ao invés de colocar a caixa à cabeça.

Em tais condições, dois homens plantam por dia de trabalho, no compasso de 2 x 2 metros, 1.200 mudas, em média.

Outro processo prático consiste em colocar duas ou três caixas em padiola e dois operários fazem o transporte e a distribuição das mudas nas covas, enquanto outros completam o plantio. Maior é o rendimento quando este transporte é feito em pequenas carroças, puxadas por um só animal, dado que, no espaço de tempo que o trabalhador volta com o veículo, para apanhar nova carga, outro fica entregue ao trabalho de chegar terra às mudas.

Chegar a terra o mais depressa possível, a fim de evitar o ressecamento dos torrões, é cuidado essencial, no completar o plantio.

Recentemente, formou-se em São Paulo uma empresa, constituída de vários agrônomos, para empreitar serviços de reflorestamento em larga escala. Êsses técnicos têm dado grande desenvolvimento aos seus trabalhos, procurando mecanizar o mais possível tôdas as operações. Construíram êles um implemento para plantio de mudas florestais, que faz grande economia de tempo e mão de obra. Essa máquina, arrastada por um trator, executa ao mesmo tempo o alinhamento e sulcamento; marca, ainda, as covas onde deixa cair pequena dose de adubo e inseticida; coloca o torrão com a muda, completando a operação com o trabalho de chegar terra às plantinhas. É manejada por quatro operários, além do tratorista, chegando a plantar 18.000 mudas por dia.

Queremos ressaltar a importância de, no plantio definitivo, efetuar-se uma cuidadosa escolha das mudas, evitando plantar as que, por qualquer razão, devam ser eliminadas.

Êsse cuidado deve ser tomado no viveiro, ao serem elas enviadas para o campo, onde, igualmente, convém que um trabalhador capaz, efetue, ainda, rigorosa seleção.

Não é aconselhável a prática de amparar as plantas com tutôres, nem mesmo onde elas estejam sujeitas a ventos fortes. As plantas assim protegidas crescem demasiadamente em altura, em relação ao diâmetro, e não ficam com as fibras tão resistentes e flexíveis. Vários fisiologistas têm assinalado os efeitos favoráveis do vento sobre a circulação das plantas e já foi demonstrado que a agitação determinada nas árvores pelo vento facilita o seu crescimento, provavelmente por aumentar a sua evaporação e ativar assim a circulação da seiva. Muitas árvores a que falta, momentaneamente, o apoio do tutor, devido ao peso da copa, vergam, esgalham ou partem-se.

Além disto, os tutôres exigem tratamento especial, não só para aumentar-lhes a duração, mas também para evitar que no seu interior ou na entrecasca se abriguem insetos nocivos ao tutor e ao tutelado. Nos maciços florestais, as árvores protegem-se mutuamente.

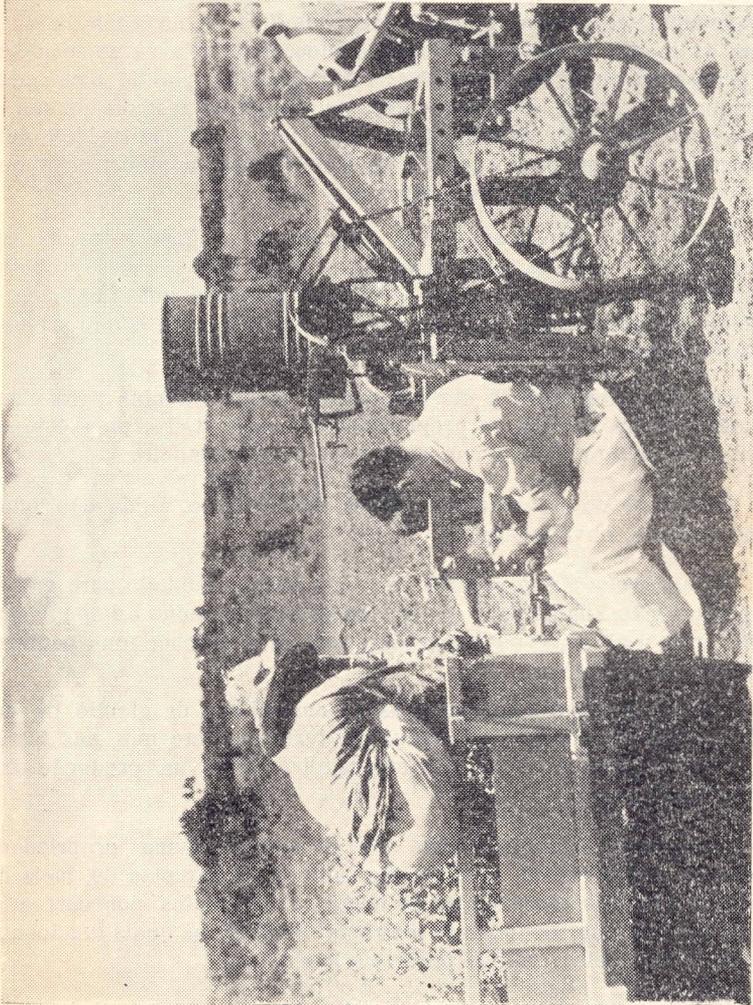


Fig. 132
Máquina plantade ra-adubadeira em serviço.

Desde que na Companhia Paulista os trabalhos de plantação passaram a ser feitos em larga escala e de modo a ativá-los rapidamente, adotamos o sistema de fazê-los parte por administração e parte por empreitadas. Nos serviços de empreitada, os trabalhos são executados integralmente pelos empreiteiros, fornecendo-lhes a Companhia Paulista apenas as mudas necessárias e o inseticida, ficando a cargo daqueles todo o preparo de terras, extinção de formigueiros, plantio e cuidados subseqüentes de trato, até lançarem os eucaliptos a idade de um e meio a dois anos. Ao mesmo tempo, nos Hortos em que reside o pessoal técnico, continuamos a fazer todo o serviço por administração, que serve de excelente têrmo de confronto.

Observações que fizemos nos levaram a preferir fornecer aos empreiteiros o formicida necessário, reservando-lhes apenas o trabalho da aplicação. Isto porque, quando são êles próprios que fornecem o formicida, as quantidades empregadas são insuficientes, o que prejudica sensivelmente o perfeito contrôle da saúva.

Quando o formicida a ser empregado exigir máquina para a sua aplicação, deverá ser ela de propriedade do empreiteiro, pois êste se encarregará melhor de sua conservação e funcionamento.

Esta parte do trabalho, na cultura do eucalipto, ainda não pôde ser mecanizada, obviamente.

Nas empreitadas, é preciso que haja todo o cuidado para que os contratantes não subdividam os seus trabalhos, de modo a impedir que aquêles que realmente os executam venham a receber uma pequena parcela do preço inicial.

O preço a pagar para serviços de empreitada de plantio de eucaliptos varia segundo a qualidade de terreno, visto que, nas terras boas, a maior parte do lucro dos empreiteiros está na produção das culturas intercalares.

Relativamente à disposição das plantações, numa propriedade agrícola, é aconselhável dividi-la em talhões ou parcelas de, mais ou menos, 10 alqueires paulistas ou 24 hectares, separados por carreadores que tenham, em média, seis metros de largura, os quais funcionam, também, como aceiros contra possíveis incêndios.

Não quer isto dizer que as parcelas necessitem ter, obrigatoriamente, estas dimensões. Em geral, as divisas de talhões são determinadas por acidentes naturais do terreno, como, por exemplo, córregos, estradas, valos, etc.

A prática de não se adotar parcelas muito grandes facilita e torna mais econômica a exploração.